



Qualidade Cassiano Ricardo

INFORMATIVO



Agosto 2014

Ano XII – número 6



Proseando

Dizem que o mês de agosto é o mês do desgosto. Mês das bruxas. Mês das desgraças políticas. Mês cansativo e por aí vai... Concordo que, às vezes, ele chega com ar de poucos amigos, "com cara feia", seus dias amanhecem cinzentos e sombrios. A despeito disso tudo, prefiro dar-lhes boas-vindas com palavras alegres e otimistas - como gostamos de ser recebidos quando chegamos a algum lugar. É indiscutível o poder das palavras sejam elas faladas ou escritas. Recorro a elas para dizer: seja bem-vindo, agosto! Que seus ventos tragam sonhos adormecidos no período das férias. Que seus ventos nos tragam alegria e novos aromas.

Com essas palavras, espero que você, leitor, faça uma outra leitura deste mês ao qual atribuem as piores mazelas. Espero que as palavras não brinquem comigo. Não dancem com os ventos agostianos. Não fujam da minha cabeça. Preciso delas para retratar as boas lembranças que agosto me traz. Gosto de traduzir em palavras o que sinto. Vejo. Penso.

Como seria o mundo, a nossa vida sem as palavras? Como iria, sem elas, retratar singelos momentos de infância que agosto me traz? Lembro-me de que o céu ficava enfeitado de pipas coloridas feitas em casa (papel, taquara, cola de trigo e linha – sem cerol). A dança das pipas misturava-se com os risos que os pássaros faziam no céu. Era uma festa! Hoje, tenho essa cena como símbolo de uma infância feliz.

Por que não gostar de agosto? Nada tenho contra ele. Pelo contrário: há muito o que se comemorar: dias dos pais. Dia do estudante. Dia do folclore. É preciso ressaltar o seu encanto. Aprendi com Graciliano Ramos que a palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso; a palavra foi feita para dizer. Uma palavra bem dita muda o momento. Muda o dia. Muda sua opinião, leitor, sobre o mês de agosto! Tudo está na palavra: "no início era o verbo, diz a Bíblia (João 1:1). E o verbo, ainda hoje, move o mundo. É certo que, às vezes, maltratamos as palavras; outras, elas nos maltratam. É só observar como a "palavra de honra" anda machucada. Ferida. Magoada. Triste. Tais são os maus-tratos que vem sofrendo. E ponham maus-tratos nisso! Outras vezes, são elas que nos maltratam. Quem nunca "perdeu o chão" por causa de uma palavra? Ou pela ausência dela? (aquela que esperamos, esperamos e ela não vem...). Escritas. Faladas ou até caladas – as palavras têm um poder inabalável. Ah! Ia me esquecendo do poder de sedução das palavras. Esse, então, é fantástico! Encantador. Isso me remete aos discursos preparados pelos marqueteiros em época de eleição. Não podemos nos deixar levar pelo canto da sereia. Não podemos nos deixar seduzir por aquele cujo canto é o mais bonito. Ah. Palavras! Palavras! Aqueles que têm o seu poder dominam nações. Conquistam corações.

As palavras são minhas companheiras; vivo perseguindo-as. Hoje, quero colher algumas e temperá-las com muito, muito afeto para parabenizar vocês, pais, que, com amor e dedicação, constroem o alicerce para a formação de adultos felizes e realizados. Que o dia 10 de agosto seja de muita alegria e repleto de lindas palavras!

Como tudo na vida, as férias passaram muito rápidas. Como tudo na vida, a Copa acabou. Para nós, antes do que queríamos. O Brasil levou a maior goleada na história das Copas. Fomos massacrados. Humilhados. Desnecessário alongar-me nesse episódio. Em momentos como esse, perdem-se as palavras. Parabéns aos alemães. Campeões em todos os aspectos: golearam no campo. Fora de campo, foi aquele espetáculo de goleada: responsabilidade social. Seriedade. Trabalho em equipe. Bem, a festa acabou. As visitas foram-se. Hora de sentar e conversar. E conversar seriamente: não dá para pensar mais ou menos; senão corremos o risco de nos tornar pessoas mais ou menos. Uma seleção mais ou menos. Um profissional mais ou menos. E o pior, um país mais ou menos.

.Profª. Sueli Palma



Novidades do mês



Quando é dia de futebol
Carlos Drummond de Andrade



Os cem melhores contos brasileiros do século
Ítalo Moriconi (Organizador)



Vozes anoitecidas
Mia Couto



Citações

Acima de nós, em redor de nós, as palavras voam e, às vezes, pousam (**Cecília Meirelles**).

Deveríamos nos livrar, de uma vez por todas, da sedução das palavras (**Nietzsche**).

Entre duas palavras, escolha sempre a mais simples; entre duas palavras simples, escolha a mais curta (**Paul Valéry**).

Palavras são, na minha humilde opinião, nossa inesgotável fonte de magia capazes de formar grandes sofrimentos e também de remediá-los (**Dumbledore – Harry Potter**).



Sugestões Culturais

FILMES

Quanto vale ou é por quilo? (2005)

Direção: Sergio Bianchi

Filme brasileiro do gênero drama do ano de 2005, dirigido por Sérgio Bianchi.

Produzido em duas cenas, fazendo um paralelo entre a sociedade do período colonial (de exploração da escravatura) e a situação de miséria contemporânea. Casos do período escravocrata retirados do Arquivo Nacional (RJ). A partir dele, é possível uma discussão sobre cotas em universidades e desigualdade racial. (<http://educação.uol.com.br>).

Lixo Extraordinário (2010)

Documentário anglo-brasileiro

Lixo Extraordinário mostra a produção de obras de arte com material coletado no aterro do Jardim Gramacho, bairro periférico de Duque de Caxias. Ao longo da produção dessas obras, entre 2007 e 2009, transformações se produzem na vida e nas visões de mundo dos sete catadores participantes do projeto - entre eles, Tião Santos, presidente da Associação dos Catadores do Aterro Metropolitano do Jardim Gramacho. (<http://pt.wikipedia.org>.)

Pais, parabéns a vocês que, no dia a dia, preparam atletas para as Copas da vida!

(Sueli Palma)



Texto do mês

Laelson Moreira de Oliveira (Crônica para o Dia dos Pais)
 (Parafrazeando Rubem Braga)

Meu ideal seria escrever uma crônica a que todos os pais pudessem ter acesso, até aqueles que não sabem ler, mas que, ao mandarem alguém soletrar as palavras, pudessem absorvê-las com toda a sua ingenuidade e dissessem: “é isso que sou”; porque ali, estaria o retrato do pai que protege e que ri com nossos risos e que chora com nossas lágrimas e que se preocupa com nossas preocupações e que luta pela nossa sobrevivência e que trabalha para sermos o que somos.

Meu ideal seria escrever uma crônica que lembrasse todos os pais; dos que se foram, porque, alguns, partiram sem ao menos terem tempo de se despedirem; os que estão ausentes, porque precisaram sair para tentar a vida em outro lugar; os presentes, porque consolam, lamentam, abraçam, reconfortam, aprovam, reprovam... mas ensinam.

Não seria uma crônica triste. Não. Meu ideal seria escrever uma crônica igual àquela em que se retrata o homem; o homem puro, fraterno, sem mágoa, sem manchas, sem sinal de ódio no coração, forte; um homem que mostra o caminho, que reza enquanto não chegamos em casa, que se preocupa por não saber aonde fomos ou estamos, que nos chama a atenção quando dizemos ou fazemos o que não é de direito.

E esse ideal seria a confirmação da nossa idiossincrasia, daquilo que nos foi ensinado, daquilo que representamos.

E esse ideal seria, também, não mais que a inveja boa que temos de querer ter sido ele, nosso pai, que – mesmo que já tenha ido -, não sai, não se apaga da nossa memória.

Meu ideal seria escrever essa crônica, porque sinto vontade de retratar meu pai – e por que não todos os pais? -, em palavras; de desenhar seus traços a nanquim, em formas de letras. Queria, nessa crônica, dizer que a palavra “Pai” representa futuro, que transmite ensinamento, que cheira a saudade, que significa amor. Mas não um amor que mostre, apenas, a cópia fiel do que somos hoje; não, mas um amor que signifique começo, meio e fim: começo de uma vida em que o temos como professor; um meio onde o acolhemos como mediador, um mestre, e um fim em que acalentamos como certeza de que temos um bom e verdadeiro velho pai.

Ah, como queria saber escrever essa crônica! Mas como é difícil! É difícil, porque desenhar em formas de palavras só foi possível no princípio do mundo. E hoje... Ora, hoje, se os pais são desenhados em traços desconcertados por mãos de crianças, sabemos que é a pureza de ser representado assim; é, antes de tudo, uma mostra do nosso amor paterno desde o nascimento.

Meu ideal seria escrever essa crônica e, depois que todos os pais a lessem, ela tivesse a magia de aproximá-los mais dos filhos, das esposas, dos amigos, dos irmãos, dos vizinhos, dos genros, das noras, dos netos, dos amigos, dos inimigos... de Deus.

Meu ideal seria apenas querer saber escrever essa crônica.

Colégio Anglo Cassiano Ricardo de Ensino Médio e Pré-Vestibular / Mantenedores:
 Anísio Spano e Saulo Daolio. Diretora: Mônica Yumi Kukita Gonçalves.
 Prof. Responsável: Sueli Brás Monteiro Palma. Revisão: Silvia Mamede.
 Editoração: Edilson Carlos Domingos. Reprografia: Paulo Rogério de Faria
 Sugestões: sueli@cassianoricardo.com.br Tel. 2134-9100.
 www.anglosaojose.com.br - www.facebook.com/anglosaojose



Dicas gramaticais

Na relação abaixo, a forma correta encontra-se em **negrito entre parênteses**.

Tomar um suador (tomar um **suadouro**). Suador é o homem que sua.

Largue do meu pé (largue **o** meu pé). O verbo largar é transitivo direto.

Fazer erros (**cometer** erros). Em português, o melhor é dizer “cometer” erros.

A camisa está cheirando suor (a camisa está cheirando **a** suor). O verbo cheirar, nesse caso, exige a preposição **a**.

Esse menino puxou o pai (esse menino puxou **ao** pai). No sentido de herdar qualidades de, sair semelhante, o verbo puxar exige a preposição **a**.

Minha filha estudou em colégio interno (Minha filha estudou em colégio **interna**). Colégio nenhum é interno ou externo, mas sim o aluno que o frequenta.

Departamento Pessoal (Departamento **de** ou **do** Pessoal). Todas as empresas têm o seu Departamento de Pessoal ou do Pessoal e não seu Departamento Pessoal.

É capaz que chova hoje (é provável/possível que chova hoje). Capaz aplica-se apenas a seres que sejam realmente capazes.

O rapaz puxa uma perna (o rapaz puxa **de** uma perna). Todos os que coxeiam puxam **de** uma perna.

Nossos funcionários são tão pressionados que estão no ponto de explodir (...que estão **a** ponto de explodir). O correto é usar sempre **a** ponto **de** (prestes a, na iminência de).

Sou daqui de São Paulo (sou **aqui** de São Paulo). Não é correto o uso da preposição **de** contraída com o advérbio aqui ou aí, antes da preposição de. Ex.: Vocês gostaram **aqui de** casa? Sim, todos gostamos **aí de** sua casa.

Problema duro de **se** resolver (problema duro **de** resolver). Não se usa o pronome **se** depois da preposição. Ex.: livro duro **de** ler./ Osso duro **de** roer.

Eu soo demais (Eu **suo** demais). Ninguém soa; há gente que **sua** demais. O verbo **suar** conjuga-se assim no presente do indicativo: suo, suas, sua, suamos, suais, suam. E assim no presente do subjuntivo: sue, sues, sue, suemos, sueis, suem. Quem soa é campanha.

Não **brinca!** Ele renunciou? (Não **brinque**). O imperativo negativo sai do presente do subjuntivo (que não tem a forma brinca, de 1ª pessoa).

Placa em uma porta: por favor, bata na porta antes de entrar(bata **à** porta antes de...). Bater na porta é dar murros nela.

Os livros serão vendidos a partir da próxima semana, maiores informações na secretaria (...**mais informações**). Lembre-se de que informações não têm tamanho, a pessoa precisa de mais informações, isto é, de dados adicionais.

Solicite junto à secretaria a segunda via dos documentos (solicite **à** secretaria segunda via dos documentos). As locuções “junto a”, “junto de” são sinônimas e significam “perto de”, “ao lado de”. Evite empregar a expressão “junto a” em lugar de **com, de, em e para**. Assim, em lugar de “conseguimos apoio **junto à** equipe” escreva “conseguimos apoio **da** equipe”. Pelo sentido da locução, estão certas as frases: O prédio fica **junto ao** (perto do) viaduto.

Fonte: “Corrija-se de A a Z - Luiz Antonio Sacconi”